

DA SILVEIRA, Nise. *Jung, Vida e Obra*. Rio de Janeiro, José Álvaro Editor, 1968, 204 p.

Definido pela própria Autora como “mapa de bôlso”, que visa a orientar o leigo nos complexos caminhos da obra de Jung, eis o livro mais claro, mais límpido que se podia desejar.

Nise da Silveira, cujo trabalho no Serviço de Terapia Ocupacional do Hospital Psiquiátrico Pedro II, no Engenho de Dentro, GB, é internacionalmente reconhecido como pioneiro, é fundadora e animadora, no Rio, do Grupo de Estudos C. G. Jung.

O presente livro segue como roteiro a sucessão cronológica das obras de Jung, desde as primeiras preocupações com a psiquiatria e o ocultismo — sua tese de doutoramento, em 1902, intitulava-se *Psicologia e Patologia dos Fenômenos Ditos Ocultos* — até a póstuma *Homem e seus Símbolos*.

Assistente de Bleuler no Burgholzli, suas investigações sobre associação e dissociação de idéias, dentro do quadro da reformulação da psiquiatria tradicional, levam-nos a elaborar a primeira das técnicas projetivas: o teste de associação de palavras em 1905.

A partir da observação das reações dos pacientes perante determinadas palavras, que se carregam de afetividade, Jung introduz o conceito de complexo. “Os complexos”, escreve Nise da Silveira, “são agrupamentos de conteúdos psíquicos carregados de afetividade.

Compõe-se primariamente de um núcleo possuidor de intensa carga afetiva. Secundariamente estabelecem-se associações com outros elementos afins, cuja coesão em torno do núcleo é mantida pelo afeto comum a seus elementos. Formam-se assim verdadeiras unidades vivas, capazes de existência autônoma.” (p. 35).

Na perspectiva junguiana, o complexo não é necessariamente negativo. Manejando-o, o indivíduo pode até alcançar maior conhecimento de si mesmo.

Vê-se também aparecer uma constante das teorias de Jung: a compreensão do psiquismo como campo de energia, ora descarregada num sentido positivo, que ajuda à expansão do indivíduo, ora acumulada perigosamente. O encontro com Freud permite que Jung dê um nome à energia: libido. Mas este mesmo conceito vai separá-los irremediavelmente.

A publicação, em 1912, de *Transformação e Símbolos da Libido*, deixa patente o fato de que a libido para Jung ultrapassa, e muito, a energia sexual. Daí por diante vão desenvolver-se estudos paralelos de casos e de temas místicos e culturais. Da investigação dos complexos individuais Jung passa para a pesquisa dos “complexos da humanidade”, os arquétipos, que moldam os conteúdos do inconsciente coletivo. Na mitologia comparada encontra temas recorrentes, *leitmotif* que sublinham um profundo parentesco entre mitos de origens diversas. É o Pai, a Grande Mãe, o Herói, a Serpente, o Mandala... Seu aparecimento dentro do psiquismo individual funciona como um marco para avaliar a evolução da personalidade no caminho de sua realização.

A este processo, que se desenrola num constante ir e vir entre positivo e negativo, ganho e perda, integração e regressão, Jung dá o nome de processo de individuação.

Encontra a descrição das etapas sucessivas que levam o indivíduo ao encontro de si mesmo — do Si-Mesmo — nos mitos, nas lendas, na arte, na alquimia, nos sonhos, nas religiões, e até na evolução das ciências. A obra de Jung também pode ser descrita como busca da verdade, ora luminosa, ora obscura, ora contraditória, análoga ao processo de individuação.

Não é o menor mérito de Nise da Silveira guiar o leigo ao longo da obra densa, às vezes confusa, mas sempre, por fim, esclarecedora.

MONIQUE AUGRAS